

PRIMEIRO IMPACTO: OS TÍTULOS DE NELSON RODRIGUES

Adriano de Paula Rabelo*

 <https://orcid.org/0000-0003-2431-7101>

Como citar este artigo: RABELO, A. de P. Primeiro impacto: os títulos de Nelson Rodrigues. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 1-14, set./dez. 2025. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETLT17178>

Submissão: 13 de junho de 2024. **Aceite:** 19 de agosto de 2025.

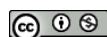
Resumo: Nelson Rodrigues foi um dos escritores brasileiros mais conscientes da necessidade de um bom título como estratégia para despertar o interesse do público por seus trabalhos. Este artigo investiga como se formou essa consciência, quais influências ele sofreu. Por fim, faz-se uma análise dos títulos de seus trabalhos, classificando-os em algumas categorias, dado que eles apresentam claras tendências que se repetem nos mais diversos gêneros cultivados pelo escritor.

Palavras-chave: Nelson Rodrigues. Títulos. Categorias. Estratégia. Público.

PALAVRAS INICIAIS

■ **O** título de uma obra se realiza, em geral, como o primeiro contato que temos com ela. Nesse contato, ele funciona como o grande indicador do que se há de encontrar na leitura, na audição, na *performance* ou na exibição dessa obra, em especial no que tange ao conteúdo, mas chegando também a gerar expectativas em relação a seus aspectos formais. Naturalmente o criador pode produzir um título justamente para gerar expectativas ilusórias,

* Universidade Federal de Kazan, KfY, Rússia. E-mail: aprabelo@hotmail.com



Este artigo está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional

que não se confirmarão no momento da fruição, com o fim de surpreender o seu público. Por tudo isso, o título é um elemento fundamental da obra de arte, e muitos artistas esmeram-se em criar títulos que gerem interesse por meio do estranhamento, do mistério, do sensacionalismo, da composição poética das palavras ou das imagens evocadas, do nome de um protagonista fascinante. Pode-se às vezes recorrer a termos e expressões comuns, até mesmo banais, desde que eles representem a obra com precisão.

Michel Foucault (2009) chama a atenção para o fato de o título da mais célebre tragédia grega ser *Édipo rei* e não *Édipo parricida* ou *Édipo incestuoso*, aspectos muito salientes na ação da peça, que são imediatamente lembrados à simples menção do nome do protagonista. Para o pensador francês, “[...] a tragédia de *Édipo* [...] é representativa e, de certa maneira, instauradora de um determinado tipo de relação entre poder e saber, entre poder político e conhecimento, de que nossa civilização ainda não se libertou” (Foucault, 2009, p. 31). Portanto, sendo essencialmente uma obra que reflete sobre o poder político e sua relação com o conhecimento, seu título só podia centrar-se na condição de rei conquistada por *Édipo* em virtude do seu saber.

Para o filólogo e estudioso da literatura português Arnaldo Saraiva (1992, p. 10), o título de uma obra identifica-a, bem como resume seu conteúdo no todo ou em parte, de modo a anunciar ao seu destinatário o que ela vai tratar, despertar a curiosidade dele e seduzi-lo. Esse aspecto sedutor do título fez com que ele tenha se convertido em estratégia de vendas hoje em dia, quando o campo editorial se tornou muito competitivo. Não raro os editores mudam títulos dados pelos autores, a fim de tornar seus trabalhos mais atrativos em meio à enorme quantidade de livros que se publicam todos os meses. E, no cinema, títulos de filmes estrangeiros que não têm apelo de público no Brasil costumam ser trocados por outros de maior apelo em nossa cultura ou conforme as modas do momento.

Pensando apenas em alguns clássicos da literatura brasileira, podem-se arrolar títulos excelentes, que sintetizam o texto e são parte importante de sua expressividade: *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *A cinza das horas*, *A rosa do povo*, *O tempo e o vento*, *Morte e vida severina*, *Grande sertão: veredas*, *Gabriela, cravo e canela*, *A hora da estrela...* Nelson Rodrigues poderia figurar nessa lista com vários de seus títulos, pois ele foi exímio na arte de nomear seus trabalhos.

OS TÍTULOS DAS OBRAS DE NELSON RODRIGUES

O trabalho de Nelson Rodrigues como repórter de polícia no jornalismo apaixonado e sensacionalista das primeiras décadas do século XX por certo está na base da construção dos títulos muito peculiares que ele dava a suas obras. Alguns deles parecem manchetes de primeira página dos jornais daquele tempo. A leitura voraz da grande literatura e também da subliteratura folhetinesca foi outro elemento que contribuiu para que ele se familiarizasse com títulos expressivos, impactantes, muitas vezes desconcertantes. As paixões do escritor, bem como o seu característico senso de humor, também estão na base da formação desses títulos. Por fim, pode-se aventar que os inúmeros dramas pessoais vivenciados por Nelson também exerceram seu papel, produzindo uma visão trágica da existência humana que gerou vários títulos compatíveis com a intensidade e a ironia da tragédia. Vale destacar que esses títulos podem ser lidos como parte da figura pública provocadora, destemida e controvertida que o autor criou para si.

A importância que o escritor dava aos títulos expressivos para seus trabalhos – e em parte a gênese autobiográfica de muitos deles – é ilustrada por ele mesmo em suas memórias, quando se refere a um acontecimento da infância. Um jardineiro português que estava sendo contratado para prestar serviços à sua mãe teria dito, ao ser perguntado se preferia comparecer para trabalhar aos sábados: “O sábado é uma ilusão”. Essa frase gera esta reflexão por parte de Nelson Rodrigues (1999, p. 263):

Ninguém jamais disse isso de um sábado. Nem dirá. Portanto, eu vi, ali, o nascimento de uma frase. Nascimento e morte, quem sabe? Talvez nem o próprio português repetisse mais que o sábado é uma ilusão. Ficou então combinado que ele viria, cada sexta-feira, fazer o serviço.

Fosse como fosse, a frase me pôs diante do desconhecido, do inédito, do jamais desconfiado. Lembro-me de que, durante semanas, meses, conversei com o homem. Provocava-o. Queria que ele repetisse a frase. Nada. Fiz-lhe a pergunta frontal:

– “Você não gosta de trabalhar nos sábados?”.

Nunca vi um velho de olhar tão límpido. Respondeu:

– “Tanto faz”.

Até que, num começo de angústia, eu próprio disse:

– “O sábado é uma ilusão”.

Nem assim respondeu. A frase resvalou por ele, sem, contudo, feri-lo. Continuou a muda tarefa, misturando estrume.

Ainda hei de fazer uma peça, ou um romance, e lhe darei por título:

– *O sábado é uma ilusão.*

A seguir, serão analisados os títulos de peças teatrais, romances, folhetins, memórias, novelas de televisão, contos e crônicas de Nelson Rodrigues. Como os contos e as crônicas são muitos, será feita uma seleção daqueles que possuem títulos mais expressivos, e uma seção será dedicada somente a eles.

A classificação das denominações dos trabalhos do escritor será feita por suas tendências temáticas ou formais, posturas do autor ou nomes de protagonistas que compõem também o núcleo do próprio título. Naturalmente, não se pretende uma classificação rígida, pois o mesmo título pode figurar em mais de uma categoria.

VALORES DA FAMÍLIA PATRIARCAL BURGUESA

O grande tema de Nelson Rodrigues, em seus trabalhos ficcionais, é a decadência da família patriarcal burguesa ou a dificuldade – talvez a impossibilidade – de agir conforme seus preceitos, sendo os seres humanos como são. Daí o escritor buscar representar “a vida como ela é”, e não como deveria ser.

Uma série de títulos de seus trabalhos remete aos valores idealizados desse tipo de família, que hoje em dia, nas sociedades liberais modernas, praticamente se dissolveram, embora essas mesmas sociedades mantenham bolsões tradicionalistas e organizações reacionárias ou retrógradas que ainda os cultivam. Nessa categoria, podem ser relacionados os seguintes títulos:

- *A mulher sem pecado:* o título da primeira peça teatral de Nelson Rodrigues evoca os valores da fidelidade conjugal absoluta, uma vez que, no código

moral patriarcal burguês, o pior pecado é a traição do parceiro (muito especialmente a realizada pela mulher), o que pode comprometer a unidade familiar e a transmissão dos bens do casal para a geração seguinte.

- *Vestido de noiva*: nessa ideologia, a cerimônia do casamento é vista como o momento culminante de uma vida. Em torno dela giram muitas idealizações. Porém, no mundo de Nelson Rodrigues, a realidade é muito mais prosaica, muitas vezes sórdida. É comum que já na lua de mel as idealizações em torno do casamento começem a ser desfeitas uma por uma, inexoravelmente.
- *Álbum de família*: se os personagens do autor não conseguem se conter, agindo sempre de forma a subverter a interdição da traição e as idealizações em torno da cerimônia de casamento, a ironia trágica dessas situações se torna explícita na peça *Álbum de família*, em que a realidade da família patriarcal primitiva mostrada em cena é oposta ao que se mostra nas falas que apresentam as fotografias desse álbum – e às próprias fotografias do álbum –, objeto também muito identificado ao tipo de família que Nelson costumava apresentar em seus trabalhos ficcionais.

Nesse grupo, ainda se podem classificar títulos como o do folhetim *O homem proibido* e o de seu romance mais “sério” *O casamento*.

MANCHETES DE JORNAL

Nelson Rodrigues atuou no jornalismo por cerca de 55 anos. Sua atividade profissional exerceu grande influência em seu trabalho de escritor, seja nos temas de seu trabalho, seja no seu estilo de escrita, que se aproximava daquele praticado na imprensa das primeiras décadas do século XX: apaixonado, emotivo, preenchendo as lacunas da realidade com a imaginação do jornalista. Essa influência chegou aos títulos de vários trabalhos do escritor, que se assemelham a manchetes de jornal. São eles:

- *O beijo no asfalto*: na peça homônima, esse título é de fato a manchete do jornal que destruiu a vida do protagonista, na primeira de uma série de reportagens mentirosas e sensacionalistas sobre um suposto caso de homossexualidade que mexeu com as piores pulsões do público. A turba que consumiu a história durante algum tempo condenou unanimemente o personagem principal, ilustrando a ideia de que “toda unanimidade é burra”, expressa num dos mais repetidos aforismos do autor.
- *Núpcias de fogo*: esse título talvez pudesse classificar-se na categoria anterior, mas parece-me ainda mais adequado nesta categoria, por lembrar as manchetes impactantes da imprensa de outrora, quando o escritor começou sua atuação no jornalismo. Havia, então, uma grande atração por metáforas fortes, subliterárias, melodramáticas, de “mau gosto”.
- *Escravas do amor*, *A mulher que amou demais*, *Pouco amor não é amor* e *Sonho de amor*: esses títulos (de dois folhetins e duas novelas de televisão) poderiam encimar textos das reportagens que Nelson Rodrigues fazia em seus tempos de repórter policial, quando cobria dramas em torno de amores extremados, que não raramente resultavam em morte, dependência emocional, loucura, crime. Essa visão do amor como sumo da existência

humana será muitas vezes retomada em seus trabalhos ficcionais, sendo também analisada em suas crônicas ensaísticas e suas memórias.

- *A vida como ela é...*: título de uma popularíssima coluna do jornal *Última Hora*, publicada durante dez anos, entre 1951 e 1961. Nela o autor mes-clava seus talentos de jornalista e escritor, produzindo contos breves que tematizavam em grande medida a traição amorosa, muitas vezes terminando de maneira catastrófica. No próprio ano de 1961, quando finalizou a série, depois de escrever mais de duas mil histórias, Nelson Rodrigues publicou em livro uma coletânea com “cem contos escolhidos” que levava o nome de sua coluna.

DESCONCERTANTES

Tarimbado pelo jornalismo apaixonado das primeiras décadas do século XX, pela leitura extensiva dos folhetins mais estapafúrdios e pela frequentaçāo de espetáculos que não economizavam no melodrama derramado, Nelson Rodrigues aprendeu a explorar esteticamente os excessos dessas produções, que costumam ser tão desprezadas pela crítica e pelos intelectuais em geral. Em todos os seus trabalhos ficcionais, fazem-se presentes o bizarro, o mórbido, o grotesco, o excessivo, que muitas vezes descambam para o humor. Sua ficção provoca sempre um forte estranhamento e reserva surpresas a cada passo. Esse aspecto desconcertante de seus trabalhos naturalmente se faria presente nos títulos que o escritor lhes dava, como se vê a seguir:

- *Perdoa-me por me traíres*: segundo o crítico Alceu Amoroso Lima (*apud* Castro, 1992, p. 273), essa seria “uma peça cuja abjeção começa pelo título”. A inversão de papéis que ele contém remete a um mundo às avessas, tal como o descrito por Bakhtin (1987) ao estudar o grotesco nas obras de François Rabelais. Essa inversão é tão absurda – ainda mais se levarmos em conta a moralidade patriarcal burguesa cultivada pelos personagens de Nelson Rodrigues – que toca as raias do cômico já ao primeiro impacto desse título.
- *Viúva, porém, honesta*: no título dessa “farsa irresponsável em três atos” (Rodrigues, 2003), há uma ideia implícita, a de que as viúvas não são “honestas”. Trata-se de mais uma declaração provocadora bem ao estilo da figura pública de escritor polêmico que Nelson criou para si. Como se trata de uma farsa, além do mais “irresponsável”, ele mesmo já indica que sua provocação não deve ser levada a sério.
- *Toda nudez será castigada*: o tom proibitivo desse título, como se fosse um mandamento ou ao menos a conclusão de um parágrafo num código de leis, causa grande estranhamento. Afinal, nunca se viu qualquer deus ou poder legislativo humano estabelecer uma norma tão específica. Ao mesmo tempo, a frase remete à repressão da sexualidade e ao tabu em torno do corpo nu que fazem parte do moralismo patriarcal burguês, amparado no que há de mais conservador nas hostes religiosas.

Como títulos desconcertantes de Nelson Rodrigues, ainda que menos impactantes, podem-se ainda citar os de obras como *Asfalto selvagem*, folhetim em torno das aventuras e fantasias da personagem Engraçadinha, *A morta sem espelho*, novela de televisão do começo dos anos 1960, *Anti-Nelson Rodrigues*, peça

que possui essa denominação devido a seu final feliz, algo muito raro na ficção do escritor.

O UNIVERSO RELIGIOSO

Tradicionalmente, a religião institucionalizada, especialmente em suas vertentes conservadoras e mesmo reacionárias, tem sido o esteio da moralidade patriarcal burguesa, que nela busca legitimação. Ao retratar a decadência do sistema familiar fundamentado nesse tipo de moralidade, Nelson Rodrigues frequentemente faz menção ou mesmo coloca em primeiro plano figuras centrais do cristianismo (Cristo, Maria, José, Deus), sacramentos, igrejas, colégios ligados a ordens religiosas, padres, freiras, bêncos.

A noção de pecado se faz tão presente que é como se fosse o próprio ar que seus personagens respiram. Quase nunca eles conseguem evitá-lo. Quando o autor retrata as camadas suburbanas, pobres e exploradas – mas em geral cultivando os mesmos valores das classes mais abastadas –, é comum que apareçam também as religiões afro-brasileiras, com suas crenças e práticas típicas. Essa presença recorrente do universo religioso em seus trabalhos reverbera em seus títulos, como se vê em:

- *Anjo negro*: na mentalidade ocidental, a figura do anjo é imaginada como branca, trazendo consigo todo um campo de associações semânticas relacionadas a essa cor (puro, bom, pacífico, inocente, luminoso). Não por acaso foram os próprios ocidentais brancos, que tantas barbaridades têm cometido ao longo da história, os criadores dessa imagem, na qual se projetaram. Ao caracterizar o seu anjo como negro, com todas as associações negativas que a mentalidade ocidental atribui a essa cor (impuro, mau, ameaçador, desconhecido, escuro), Nelson Rodrigues, bem à sua maneira, subverte o convencional e o lugar-comum, já assumindo no próprio título a atitude provocadora que o celebrizou. A estranheza que essa denominação provocava no Brasil conservador dos anos 1940, quando essa peça teatral estreou, funcionava como um grande atrativo de público para a primeira montagem de sua peça teatral.
- *Senhora dos Afogados*: consta que, no âmbito do catolicismo, há mais de mil denominações para Nossa Senhora ao redor do mundo. No entanto, entre elas não existe uma Nossa Senhora dos Afogados, como imagina o escritor. Mesmo porque, se já foram afogados, não há mais o que fazer. No rol de milagres atribuídos à Virgem Maria, não se inclui o da ressurreição de algum fiel. Daí o estranhamento e mesmo a indignação que esse título de uma peça também da década de 1940 podia provocar nas mentalidades mais conservadoras.
- *Meu destino é pecar*: o primeiro folhetim escrito por Nelson Rodrigues traz em seu título uma noção central das religiões monoteístas: o pecado. No caso, trata-se do pecado da traição conjugal, que se faz presente num dos dez mandamentos entregues por Deus a Moisés. Porém, ao associar o pecado à noção de destino, é como se o título sintetizasse duas grandes tradições formadoras do pensamento ocidental: a da Grécia clássica, em sua visão trágica da existência, e a judaico-cristã, em sua visão redentora da humanidade. Mas esse folhetim não possui nenhuma pretensão de

seriedade e literariedade, como todo folhetim. Embora seja muito bem escrito e muito original, é uma bem-humorada exageração das já exageradas convenções do gênero, temperadas com todas as obsessões típicas de Nelson Rodrigues.

Ainda no campo do pecado, pode-se mencionar o título da última peça do autor: *A serpente*, animal que simboliza a transgressão no universo judaico-cristão. Escritor polêmico e transgressor ele mesmo, Nelson Rodrigues conhecia bem as potencialidades expressivas da iconografia e dos símbolos religiosos, utilizando-os de maneira perturbadora, embora jamais desrespeitosa ou simplesmente iconoclasta, pois ele mesmo era uma pessoa dotada de fé e espiritualidade.

PROTAGONISTAS

Muitas obras clássicas da tradição literária trazem como título simplesmente o nome de um protagonista em torno do qual gira toda a ação ou a reflexão provocada por ele. Algumas vezes, em vez do nome, o título se refere a uma qualidade essencial ou função que define esse personagem. Tragédias costumam ter títulos assim: *Agamenon*, *Antígona*, *Medeia*, *Hamlet*, *Otelo*, *Fedra*, *Atália*. E comédias, assim: *As vespas*, *O bajulador*, *O soldado fanfarrão*, *A megera domada*, *Tartufo*, *O avarento*, *O inspetor geral*. Em outros gêneros, é também comum que o título de uma obra que gira em torno do protagonista seja o seu nome ou a característica que o define: *Eneida*, *Orlando Furioso*, *O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha*, *Robinson Crusoé*, *Os sofrimentos do jovem Werther*, *Moby Dick*, *O idiota*, *Dom Casmurro*, *O homem sem qualidades*, *Ulisses...* e tantos outros.

Nelson Rodrigues também possui títulos que se definem por esses personagens solares, em torno dos quais giram aspectos formais e de conteúdo da obra:

- *Doroteia*: tudo nessa “farsa irresponsável em três atos” (Rodrigues, 2003, p. 501) converge para a figura da protagonista, uma prostituta que pretende reformar-se, abandonando a vida dissoluta dos bordéis para reintegrar-se à família tradicional. Para isso ela tem de passar por um processo de purificação que visa atingir a náusea do sexo, sendo tomada por um entorpecimento dos sentidos que a impediria de enxergar qualquer figura masculina. Lançando mão de um misto das estéticas simbolista e surrealista, o dramaturgo coloca no centro dessa obra uma figura tão mais importante que os outros personagens que o título se forma por seu nome, isoladamente.
- *A falecida*: esse título, em vez do nome da personagem principal, traz a condição que a define ao longo de todo o enredo: a sua obsessão pela morte ou, mais especificamente, por um funeral de luxo. Nisso ele se aproxima daqueles que são muito comuns nas comédias, pois esse gênero costuma se construir com base num defeito do protagonista. Tudo nessa peça gira em torno de Zulmira, a falecida em questão, que vê nas exéquias luxuosas uma forma de resgate e compensação por sua existência mediocre. No entanto, numa ironia trágica que lembra a noção de destino dos gregos antigos, seu velório e seu enterro serão os mais miseráveis que se podem imaginar.
- *Boca de Ouro*: o título dessa peça remete, ao mesmo tempo, à alcunha do protagonista e à sua característica mais marcante: os dentes de ouro que

simbolizam sua ascensão social e seu prestígio nos subúrbios do Rio de Janeiro. O mais curioso é que ele brilha pela ausência, uma vez que já está morto no presente da ação, tendo sua imagem reconstruída pela memória de uma de suas amantes, cujas recordações são reformuladas diversas vezes sob a influência algum acontecimento atual.

- *Otto Lara Resende, ou Bonitinha, mas ordinária*: se os protagonistas anteriores não possuíam nenhuma existência na realidade objetiva, se a parte *Bonitinha, mas ordinária* poderia ser classificada entre os títulos desconcertantes, esse lança luz sobre a figura do escritor Otto Lara Resende, amigo de Nelson Rodrigues, pelo qual o dramaturgo tinha tal obsessão que escrevia sobre ele muito frequentemente. Porém, o Otto Lara Resende que tantas vezes aparece em seus trabalhos é mais um personagem de sua lavra, por certo um tanto diferente daquele da vida “real”. Toda a ação dessa peça gira em torno de uma frase que teria sido dita por Otto, uma frase tão corrosiva que perturba, modifica ou mesmo destrói a vida dos 31 personagens que aparecem em cena.

O subtítulo de um dos mais bem realizados folhetins de Nelson Rodrigues também pode ser lembrado aqui: *Engraçadinha, seus amores e seus pecados*. Também o da novela de televisão *O desconhecido*, sobre um soldado que retorna da Segunda Guerra Mundial com transtornos psiquiátricos, sendo internado num manicômio por cinco anos, quando consegue fugir para vingar-se da mulher que o abandonou e se casou com outro.

OBSESSÕES E BORDÕES

Já se tornou um lugar-comum referir-se a Nelson Rodrigues como um escritor obsessivo. Ele mesmo alardeava o epíteto de “flor de obsessão” que lhe teria sido dado por um amigo, para defini-lo (Rodrigues, 1999, p. 28). A seu ver, “o que dá ao homem o mínimo de unidade interior é a soma de suas obsessões” (Rodrigues, 1999, p. 28). Imagens, pessoas, frases, expressões, acontecimentos, doenças, a morte, a loucura, os desejos reprimidos são repetidos e escrutinados por ele *ad nauseam*. Algumas de suas frases, expressões e termos típicos se tornaram famosos tanto por sua inventiva quanto pela forma como os reiterava em seus escritos, chegando a compor um léxico e um florilégio próprios. Alguns de seus títulos são constituídos por essas frases, expressões, termos ou mesmo personagens tantas vezes repisados, muito especialmente em suas crônicas jornalísticas:

- *O óbvio ululante*: bordão muito repetido pelo escritor, para quem “só os profetas enxergam o óbvio” (Rodrigues, 1995a, p. 97), embora a obviedade se exiba de maneira evidente diante dos olhos de todo mundo. Essa coletânea de crônicas de jornal foi publicada em livro em 1968, ano que ficou marcado pelos muitos eventos que levariam à derrocada da ordem patriarcal burguesa. Sempre nadando contra a corrente, o jornalista fazia ácidas mas bem-humoradas críticas às rebeliões da época, nas quais a expressão escolhida para o título aparecia com bastante frequência.
- *A cabra vadia*: nos anos de 1966 e 1967, Nelson conduziu um programa de entrevistas com esse título na televisão. Três anos depois, ao lançar nova coletânea de crônicas, ele retomou o título, pois vários de seus textos

eram compostos por entrevistas imaginárias com personalidades de destaque no Brasil da época. Imaginárias porque, segundo o escritor, nas entrevistas verdadeiras os entrevistados apenas fazem pose de inteligentes e ilibados, jamais se mostrando como realmente são. Isso só aconteceria num terreno baldio, tendo como testemunha a presença única de uma cabra vadia a pastar por ali, pois “jamais se viu uma cabra sair por aí fazendo inconfidências” (Rodrigues, 1995a, p. 54), de modo que o entrevistado poderia ficar à vontade para confessar até mesmo as verdades mais inconvenientes. A cabra vadia faz parte de todo um rol de personagens criados por Nelson para satirizar celebridades, estratos sociais, grupos políticos e ideologias então em voga, entre os quais se podem citar o “padre de passeata”, a “freira de minissaia”, a “estagiária de calcanhar sujo”, a “grã-fina das narinas de cadáver”, a “estudante de psicologia da PUC”, os “idiotas da objetividade”, o “cretino fundamental”, o “quadrúpede de vinte e oito patas”, “Palhares, o canalha”, o “gordo de três papadas e três bochechas em cada face”, o “Sobrenatural de Almeida”, o “Gravatinha”. Todos retornam a suas crônicas com a recorrência da obsessão.

- *Elas gostam de apanhar*: essa coletânea de contos da coluna “A vida como ela é...”, lançada em meados dos anos 1970, antes do advento do politicamente correto, traz no título uma de suas frases mais provocadoras. Muitas vezes interpretada apressadamente como se fosse uma defesa da violência de gênero – ao que se sabe, o próprio Nelson Rodrigues jamais a cometeu –, ela faz referência à suposta necessidade de o homem ser firme e saber conduzir a relação amorosa tradicional de modo a se colocar em primeiro plano, sem hesitações quanto a exercer a sua suposta autoridade masculina. Obviamente estamos no campo da relação de gênero considerada “normal” na ideologia patriarcal burguesa, no âmbito dos anos 1950, no Brasil, que Nelson Rodrigues descreve, dramatiza, ironiza. Nos dias de hoje, provavelmente nenhum editor aceitaria publicar uma obra com um título assim, nem isso faria sentido.
- *O reacionário*: a última, mais extensa e mais abrangente coletânea de crônicas ensaísticas de Nelson Rodrigues, publicada em 1977, também traz no título um termo que lhe era atribuído como um xingamento – o pior xingamento nos tempos da ditadura militar –, do qual ele se apropriou, passando a divulgá-lo repetidamente até o fim de sua vida. É mais uma palavra típica do vocabulário “nelsonrodriguiano”.

COMUNS

Nem só de impacto, surpresa e pitoresco vivem os títulos. Alguns deles são muito eficientes por simplesmente referirem o tema da obra ou um aspecto que dela ressalta. Mesmo Nelson Rodrigues, de quem sempre se espera algo inusitado, produziu títulos comuns, sobre os quais nem cabem muitos comentários:

- *Valsa nº 6*: monólogo teatral, ou melhor, poema dramático em torno de uma adolescente assassinada enquanto executava ao piano a peça musical homônima, composta por Chopin. O título centra-se na aura romântica que a música do compositor polonês exprime e mesmo instaura, também ecoando as tendências sentimentais da personagem principal.

- *Minha vida*: autobiografia ficcional de Suzana Flag, pseudônimo sob o qual Nelson Rodrigues escreveu vários folhetins de sucesso, figura pela qual seus muitos leitores tinham enorme curiosidade, acreditando que ela realmente existia. Portanto, nada teria um apelo maior que esse título para um texto em que a misteriosa personagem promete revelar sua trajetória de vida.
- *A mentira*: outro folhetim com um título comum, mas preciso, contando a história de uma menina de 14 anos que engravidou, e não se sabe quem é o pai. A transgressão sobre a qual se constrói o enredo já está contida no título, que por si só levanta uma série de perguntas sobre quem mentiu, para quem, como mentiu, por que motivo, que mentira é essa. Além do mais, não é uma mentira qualquer, mas “a” mentira, o que lhe confere algo de absoluto. Portanto, mesmo nas poucas vezes em que lança mão de títulos comuns, o autor os faz sempre muito expressivos.

A partir de 1992, após o lançamento de *O anjo pornográfico*, influente biografia de Nelson escrita por Ruy Castro, foram publicadas diversas coletâneas de crônicas, contos e reportagens do autor. Como seus títulos não foram dados por ele, mas pelos organizadores ou editores desses volumes, não os incluirei nesta análise.

CONTOS E CRÔNICAS

Se os títulos dados às coletâneas de contos e crônicas lançadas depois da morte do escritor ficaram de fora desta análise, por não terem sido dados por ele, vale a pena fazer uma seleção dos “próprios” títulos dos contos e das crônicas; estes, sim, dados por Nelson Rodrigues. Eles também são sempre muito reveladores de suas idiossincrasias, seu estilo e suas fixações. Também aqui esses títulos se classificarão nas mesmas categorias utilizadas anteriormente, para os títulos de suas obras.

Contos

Os contos da coluna “A vida como ela é...” costumavam explorar as paixões humanas, os dilemas morais, as relações de classe, o grotesco e a violência do cotidiano brasileiro, focando frequentemente a traição amorosa, atitude quase sempre catastrófica no âmbito patriarcal burguês, por comprometer a unidade da família e a transmissão de seus bens, além de representar a suprema vergonha para o traído, em especial se este for o homem. Os títulos serão selecionados nas coletâneas intituladas *A vida como ela é...: o homem fiel e outros contos* (Rodrigues, 1992), organizada por Ruy Castro; *A coroa de orquídeas e outros contos de A vida como ela é...* (Rodrigues, 1993a), organizada por Ruy Castro; *A vida como ela é...* (Rodrigues, 2011), organizada por Adriano T. B. Cruz; *A vida como ela é...: 100 contos inéditos* (Rodrigues, 2012), sem nome do organizador.

Valores da família patriarcal burguesa

Se, nos títulos das obras de Nelson Rodrigues, os valores idealizados da família patriarcal burguesa centravam-se em instituições, sacramentos, posturas e objetos que simbolizavam ou mesmo materializavam esses valores, nos títulos

de vários contos verifica-se, muitas vezes, a sugestão da ruína desses mesmos valores: “A mulher do próximo”, “O marido silencioso”, “Casal de três”, “A esposa humilhada”, “Excesso de trabalho”, “Pai por um cheque”, “Cansada de ser fria”, “A cunhada furiosa”, “HUMILHAÇÃO de homem”, “Viúva alegre”, “O desquitado”, “Marido covarde”, “Ser ou não ser fiel”, “Ódio de cunhada”, “A falsa viúva”, “Caça-dotes”.

Manchetes de jornal

Alguns contos possuem títulos que poderiam estampar as primeiras páginas dos jornais das primeiras décadas do século XX, quando Nelson foi repórter de polícia, ou da imprensa sensacionalista de qualquer época: “Pacto de pecado e de morte”, “Um Cadillac por um beijo”, “O marido sanguinário”, “Paixão de morte”, “O escravo etíope”, “Cheque de amor”, “Desastre de trem”, “Banho de Cleópatra”, “Assassino”, “Fome de beijos”, “Veneno”, “Morrer como um cão”, “Vergonha”.

Desconcertantes

Alguns contos de Nelson Rodrigues possuem títulos que desconcertam pelo inusitado, em geral devido à exploração do grotesco, fazendo menções a deformidades, ao ridículo, ao extravagante: “Toquinhos de braços”, “Namorada caolha”, “A fraldinha ameaçadora”, “O aleijado”, “Feia demais”, “O gato cego”, “O amor enfermo”, “Feia como a necessidade”, “Gagá”, “O macaco” (símbolo da animalidade em estado bruto), “Escorpião de banheiro” (metáfora para uma mulher de personalidade difícil).

O universo religioso

Diversos títulos de seus contos também aludem ao universo religioso: “O inferno”, “O desgraçado”, “O sacrilégio”, “Justo pelo pecador”, “Diabólica”, “A rainha de Sabá”, “O primeiro pecado”, “O anjo”, “O pecador”, “Imaculada”, “O demônio”, “O Clube dos Anjinhos”, “Pecadora”, “A missa de sangue”.

Protagonistas

Alguns títulos de seus contos centram-se na figura de um protagonista em torno do qual se constrói todo o relato: “Chico-boia”, “O pediatra”, “O malandro”, “A dama do lotação”, “O monstro”, “O chantagista”, “Uma senhora honesta”, “A futura sogra”, “A grande mulher”, “O Raffles”, “O professor bonito”, “Margarida”, “O pirralho”, “O vadio”, “O alucinado”, “O menino azul”, “Denise”, “Biriba”.

Obsessões e bordões

Entre as muitas obsessões de Nelson Rodrigues, podem-se mencionar a morte, as doenças, a traição amorosa, a nudez, a prostituição, o mau-caratismo, o grã-finismo, a bofetada e certas obras literárias. E seus bordões às vezes se fazem presentes também: “Morrer como um cão”, “Mania de suicídio”, “Mausoléu”, “As chagas do mendigo”, “Doente do pulmão”, “Dispneia”, “Gastrite”, “A úlcera”, “A náusea”, “Traído por ser bom”, “O decote”, “Amor pago”, “O canalha”, “Sem caráter”, “Sórdido”, “Granfa”, “A esbofeteada”, “A mulher das bofetadas”, “Divina comédia”, “Crime e castigo”.

Comuns

Naturalmente há também os títulos comuns, mas precisos: “Apaixonada”, “Isto é amor”, “O dilema”, “Despeito”, “O pastelzinho”, “Amigo de infância”, “Vinte e cinco anos de casados”, “Duas mulheres”, “A lágrima”, “A cambaxirra”, “Curiosidade”.

Crônicas

As crônicas de Nelson Rodrigues costumam ter um teor ensaístico, analisando diversos aspectos da cultura brasileira, quase sempre de maneira incisiva, mas bem-humorada. Um olhar sobre seus títulos revela que eles também seguem as mesmas tendências apontadas anteriormente, podendo ser classificados nas categorias propostas. Os volumes utilizados para esse olhar foram publicados durante o tempo de vida do autor e também após sua morte, sendo Ruy Castro o organizador de vários volumes publicados nos anos 1990, pela editora Companhia das Letras. São eles: *O óbvio ululante: primeiras confissões* (Rodrigues, 1993b), *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol* (Rodrigues, 1993c), *A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol* (Rodrigues, 1994), *A cabra vadia: novas confissões* (Rodrigues, 1995a), *O reacionário: memórias e confissões* (Rodrigues, 1995b), *O remador de Ben-Hur: confissões culturais* (Rodrigues, 1996).

Valores da família patriarcal burguesa

Os valores da família patriarcal burguesa, centrados em instituições, sacramentos, posturas e objetos, tal como expostos nas subseções correspondentes indicadas anteriormente, também aparecem nos títulos das crônicas de Nelson Rodrigues, em geral sugerindo uma crise desses mesmos valores: “A viuvez de sarong”, “Sexo nos berçários”, “O destino de ser traída”, “A virgem sonhava no jardim”, “Ser para sempre fiel”, “O pai anônimo”, “A grande viúva”, “Casamento sem palavras”, “Marido de esposa ‘simpática’”.

Manchetes de jornal

Vários títulos das crônicas do autor também poderiam encimar reportagens sensacionalistas de jornal: “O septuagenário nato”, “A estrela do atropelado”, “Coação à luz de archotes”, “Oitenta milhões de vendidos”, “Vamos salvar o Piauí de seu ufanismo”, “Adeus à sordidez”, “Coices e relinchos triunfais”, “Abaixo a humildade”, “Festa de cabeças cortadas”, “O aplauso do estupro”.

Desconcertantes

A maioria dos títulos das crônicas de Nelson Rodrigues pode ser classificada nessa categoria. É muito frequente a sensação de surpresa e mesmo perplexidade diante de muitos deles, o que naturalmente instiga o leitor para que leia o texto com atenção. Além disso, vários costumam trazer um toque de humor temperado pelo grotesco. Vejamos: “Era bonito ser histérica”, “A messalina gaga”, “A caveira no espelho”, “A barriga insubmersível”, “A lagartixa na maionese”, “Líder da própria namorada”, “Muito velho para andar de quatro”, “Só o ódio constrói”, “A vítima salubérrima”, “Telefonema com sotaque”, “Coices e relinchos triunfais”, “A influência da minissaia nas leis da economia”, “As insônias exemplares”, “Marxismo e asma”. E muitos outros.

O universo religioso

A religião também se faz presente em diversos títulos de suas crônicas, por vezes ironizada em seu lado institucional: “Reze menos por mim”, “A missa cômica”, “El arzobispo de la revolución”, “Nunca foi tão vivo o ‘padre de passeata’”, “O deus fenecido”, “O martírio de Nilton Santos”, “O deus de Carlito Rocha”, “A folha de parreira”, “Colégio religioso”, “O filhote do Demônio”.

Protagonistas

Também nas crônicas se percebe a presença de títulos centrados numa personalidade que será destacada no texto, seja para homenageá-la, seja para criticá-la: “A viagem fantástica do Otto”, “O dr. Alceu contra o dr. Alceu”, “O Velho”, “A ira de Vandré”, “O Hélio e o anti-Hélio”, “O divino delinquente”, “Pelé, colega de Miguel Ângelo, Homero e Dante”, “A atriz inteligente”, “Mário Filho”, “Meu pai”.

Obsessões e bordões

As obsessões e os bordões de Nelson Rodrigues aparecem frequentemente nos títulos de suas crônicas. Algumas vezes eles se compõem por alguns de seus aforismos. Outras vezes evocam obras e personagens literários pelos quais ele era obcecado: “A grande dor não se assoa”, “Hamlet nos bate a carteira”, “Robinson Crusoé sem radinho de pilha”, “O Brasil Karamázov”, “Um mundo de canalhas”, “Os idiotas de objetividade”, “Terreno baldio”, “O cachorro atropelado”, “Revolucionário de festival”, “O quadrúpede de 28 patas”, “Complexo de vira-latas”, “O Palhares, com Eros, Freud e Marx”, “Narciso às avessas”, “A morte, essa velha senhora”, “Nada mais antigo que o passado recente”, “Sem ridículo não há tango”.

Comuns

Por fim, também há os títulos comuns, mas expressivos, como síntese do texto: “A menina”, “Lembranças de Campos do Jordão”, “Segredos da vida jornalística”, “O grito”, “O grande ausente”, “Teatro e vida”, “Jovens e velhos”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se viu, Nelson Rodrigues, até mesmo por sua experiência no jornalismo, sabia da importância de um bom título para causar um primeiro impacto e despertar interesse pela leitura de seu texto, esmerando-se na criação daqueles que dava a seus escritos.

Como dramaturgo, ele também sabia do apelo de público e do potencial de controvérsia que um título pode gerar. E controvérsia era algo que o escritor gostava de causar, pois ela era parte essencial da figura pública que ele criou para si.

Nelson mesmo chegou a refletir sobre a importância de um título expressivo em suas memórias, ao recordar um episódio da infância. Seus títulos refletem aspectos de seu estilo inconfundível de escrita, bem como de seu pensamento, suas posturas e seus interesses. São também parte importante do magnetismo que sua obra provoca.

FIRST IMPACT: THE TITLES IN NELSON RODRIGUES'S WORKS

Abstract: Nelson Rodrigues was one of the most aware Brazilian writers regarding the need for a good title as a strategy to arouse public interest in their works. This article investigates how this awareness was formed and what influence the writer suffered. Also, it analyzes the titles of his works, classifying them into a few categories, given that they present clear trends that are repeated along the most diverse genres cultivated by Rodrigues.

Keywords: Nelson Rodrigues. Titles. Categories. Strategy. Public interest.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987.
- CASTRO, R. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- FOUCAULT, M. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau, 2009.
- RODRIGUES, N. *100 contos escolhidos: a vida como ela é...* Rio de Janeiro: J. Ozon, 1961. 2 v.
- RODRIGUES, N. *A vida como ela é...: o homem fiel e outros contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- RODRIGUES, N. *A coroa de orquídeas e outros contos de A vida como ela é...* São Paulo: Companhia das Letras, 1993a.
- RODRIGUES, N. *O óbvio ululante: primeiras confissões*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993b.
- RODRIGUES, N. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993c.
- RODRIGUES, N. *A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- RODRIGUES, N. *A cabra vadia: novas confissões*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995a.
- RODRIGUES, N. *O reacionário: memórias e confissões*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995b.
- RODRIGUES, N. *O remador de Ben-Hur: confissões culturais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- RODRIGUES, N. *A menina sem estrela: memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- RODRIGUES, N. *Teatro completo*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.
- RODRIGUES, N. *A vida como ela é...* Rio de Janeiro: Saraiva, 2011.
- RODRIGUES, N. *A vida como ela é...: 100 contos inéditos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- SARAIVA, A. *O livro dos títulos (à falta de melhor título)*. Porto: Edições Foco, 1992.